

Cadernos
de viagem



Caderno
do sudeste
asiático



Páginas do
Vietnã



Com uma área idêntica à do estado do Maranhão, o Vietnã ocupa uma superfície longa e estreita, ao longo da costa oriental da península da Indochina, sobre o Golfo de Tonkin e o Mar do Sul da China.

Apertado entre mar e montanha, apresenta paisagens de uma beleza indescritível e uma herança cultural digna de respeito e admiração.

O país tornou-se tristemente famoso por causa da chamada “Guerra do Vietnã”, também conhecida como “Segunda Guerra da Indochina” ou “Guerra de Resistência Contra a América”, que se desdobrou por longos 20 anos, até a tomada de Saigon em 1975. Passado quase meio século, o Vietnã vai, merecidamente, ganhando espaço no cenário turístico internacional.

Vietnã, *reliquia turística no sudeste asiático*

DRA. VERA LÚCIA DE OLIVEIRA E SILVA

A palavra “Vietnam” resulta da associação de dois termos: *Viet*, que significa “gente tranquila”, e *Nam*, que se traduz como “do sul”. Assim, no antigo império chinês, o termo *Viet Nam* referia-se a uma zona geográfica ao sul, habitada por gente tranquila e pacífica.

Aqui já cabe a observação de que no Vietnã fala-se um idioma monossilábico, cada sílaba admitindo seis significados por meio de seis acentuações diferentes, a maioria delas imperceptíveis para os ocidentais. Quer dizer que todas as palavras são monossílabas e, havendo duas sílabas, há duas palavras. Assim, o termo “vietcong” significa “vietnamita comunista”. Soldados americanos referiam-se aos vietcongues como *Victor Charlie* (do alfabeto fonético da Organização Internacional da Aviação Civil para as letras “V” e “C”), ou simplesmente VC.

A língua escrita usava caracteres baseados nos ideogramas chineses, até que se adotou o alfabeto latino em 1920. Como esse alfabeto foi oficializado e popularizado pelo governo revolucionário, como fator de unificação do país, ficou conhecido pelo povo como “letras de Ho Chi Min”, o líder da revolução mais importante da história do país.

A sonoridade da língua nativa torna a pronúncia do inglês bastante desafiadora para os locais. No entanto, não é difícil encontrar guias que falam espanhol: bons alunos do curso secundário, recebendo como prêmio bolsas para estudar em Cuba, retornam fluentes no castelhano, com o que se habilitam a trabalhar no turismo internacional.

Os guias com quem tivemos contato declaravam-se muito felizes pelo país ter saído do comunismo – que, segundo eles, só gerou pobreza generalizada e corrupção ilimitada – e adotado a economia de mercado, em que é possível trabalhar e enriquecer. Declaram que os vietnamitas são ávidos por oportunidades de trabalhar e ganhar dinheiro e acreditam que só assim se constrói riqueza.

Registre-se que visitamos muitas comunidades rurais e, na nossa observação, os camponeses têm, lá, um nível de dignidade que não se vê no nosso país: quando viajamos pelo interior do Brasil, o que se vê da estrada são ou extensos cultivos mecanizados ou gente vivendo em choupanas miseráveis, ladeadas, quando muito, por uma pequena roça de milho ou de mandioca. Lá no Vietnã eles vivem em casas próprias, muito dignas, ainda que em diferentes níveis de conforto e elegância, conforme a produtividade de cada família; dispõem de ter-

ra para cultivar (propriedade do Estado); cada comunidade tem uma escola (e as crianças são bem nutridas e bem-vestidas, cada uma com a sua bicicleta), um centro administrativo e um cemitério (compram a terra do Estado para seus jazigos familiares – e cultivam, inclusive, os espaços ainda não ocupados por túmulos).

A dignidade dos lavradores é solidária a uma disposição impressionante para o trabalho. Palmilhando quilômetros do país, não se vê um único pedaço de terra cultivável que não esteja sendo trabalhado; nem um trecho de rio ou mar em que não haja pescadores ativos; nem um metro de calçada nas cidades onde não se veja alguém vendendo ou produzindo algum bem ou serviço.

Toda essa disposição para trabalhar, aliada à presença poderosa de investidores internacionais e à explosão do turismo – asiático, europeu e sul-americano –, dá ao país um ritmo febril, de construção e crescimento, visível ao olhar um pouco atento.

É claro que a história é sempre escrita pelos vencedores, mas um grão de verdade sempre subsiste sob as aparências de cada versão. Assim, em Hanói, no Museu de Etnologia, um guia aproveita um mapa do país para dar uma aula sobre as guerras de independência do Vietnã.

A primeira guerra, pela independência do Japão; a segunda, pela independência da França; a última, pela independência dos EUA. Para eles nunca houve uma guerra entre o Vietnã do Norte (Hanói) e o Vietnã do Sul (Saigon) – o que houve foi uma guerra de todo o país para se livrar do jugo norte-americano (o que não era desejo de todos). Os russos ajudaram com armas e logística, mas nunca lutaram no Vietnã: os vietnamitas é que entraram com a carne e o sangue – o que acham certo, porque tratava-se de conquistar a soberania para o seu país. No relato emocionado que ele faz, aqui é que estão as margens plácidas que ouvimos de um povo heroico o brado retumbante!

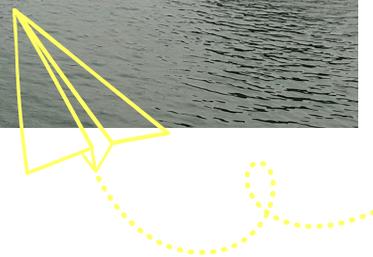
O resultado? Lá é possível ver que há lavradores com botas adequadas para entrar no lamaçal do arroz – e outros que entram descalços; há quem tenha uma roda de arado – e outros que preparam o terreno com uma enxada ou um rastelo; há casas melhores e outras nem tanto. Ou seja: a meta declarada pelo comunismo – “a cada um conforme sua produtividade” – restabeleceu a inevitável desigualdade.

Na capital é possível circular por um bairro de comércio milionário, com lojas de grifes internacionais que mais lembram Paris ou Nova York. Comparando-se essa realidade com os cortiços do centro antigo, percebe-se que o contraste entre o sublime e o sórdido é brutal, também no Vietnã. Parece que, contra todos os receios do Ocidente e contra todos os sonhos de Ho Chi Min, para o bem e para o mal, ali o capitalismo venceu.

Que mais a dizer? Trata-se de um país com história e cultura milenares; de uma geografia pontuada por sítios de grande beleza natural e cidades cheias de pontos de interesse; onde vive um povo trabalhador, simpático e acolhedor.

A um só tempo antigo e contemporâneo, com uma gastronomia elegante e deliciosa, o Vietnã merece ser estudado e visitado: das antigas capitais imperiais, passando pelas cidades modernas e vislumbrando paisagens deslumbrantes, especialmente na espetacular Baía de Ha Long, a viagem vale muito o esforço de se cruzar meio mundo.





O norte do país

HANÓI, A CAPITAL

A cidade não é bonita, mas apresenta-se como um caleidoscópio estonteante: a cada giro o cenário altera-se entre Ásia e Ocidente. Ao longo de belas avenidas arborizadas, desdobram-se a arquitetura colonial francesa, lagos aprazíveis, templos orientais e museus interessantes. No centro velho os cortiços são a regra, todas as calçadas tomadas por comerciantes e prestadores de todo tipo de serviço, misturados com uma profusão de vendedores de comida, já que as habitações são tão pequenas que não há onde cozinhar: compra-se comida pronta e... é isso!

O “centro cívico” é tão ocidental que poderia estar em qualquer lugar da Europa ou da América: um espaço amplo e elegante do tempo da ocupação francesa, onde hoje está o mausoléu de Ho Chi Min e os edifícios de governo do Viet Nam. Só lembrando, Ho Chi Min, lá aclamado como *Fundador do Partido Comunista do Vietnã, da Pátria Vietnamita e do Exército Popular*, foi nomeado pela Unesco como Herói da Liberação Nacional e Celebridade Cultural Mundial. Nem sempre foi conhecido por esse nome, porque utilizou mais de quinze pseudônimos durante toda a sua vida, dependendo do momento, do trabalho e da situação política em que se encontrava o país. Alvo de perseguições encarniçadas, sobreviveu graças à sua competência de camaleão.

O símbolo da cidade é o Templo da Literatura, a primeira universidade do país, fundada em 1070 para formar os mandarins que auxiliavam os imperadores no governo e que (pasmem!) eram selecionados entre os habitantes por meio de um exame vestibular em três fases – local, regional e nacional. Os melhores eram levados à universidade e estudavam Filosofia, Matemática e Literatura. Os que conseguiam ser aprovados nos exames finais tornavam-se ministros de estado e governadores de províncias. O complexo arquitetônico, declarado Patrimônio da Humanidade pela Unesco, é admirável.

O Museu de Etnologia exhibe uma coleção interessante e variada da cultura vietnamita. Ali nos ensinam que há cerca de 90 grupos étnicos identificáveis, dentro de 5 grandes etnias, cada um dos grupos com seu idioma, seu vestuário, seu modo de vida e seu arranjo social e cultural. O noticiário diário percorre as cinco grandes línguas, para que não desapareçam.

O Museu de Belas Artes, instalado em uma casa construída na década de 30 (para abrigar as filhas dos colonizadores franceses, que vinham, de todo o país, estudar na capital) e enriquecida com detalhes arquitetônicos da casa comunal vietnamita, exhibe obras de arte local e internacional, com destaque para o acervo de pintura da época da

guerra (que eles contabilizam em 30 anos ou 11 mil dias): suas tintas são sombrias e pesadas – mesmo assim, há poesia e quadros muito bons.

Dentre os marcos arquitetônicos históricos, destacam-se: o “pagode de um único pilar”, construído em 1049 pelo Imperador Ly Thai Tong – um salão de madeira de lei sobre um pilar único, de pedra, com desenho que tenta simular uma folha de lótus, em homenagem a Buda; e a Cidade Imperial de Thang Long, fortaleza e palácio cercados por muralhas, idealizada como uma cópia da Cidade Proibida dos imperadores chineses em Pequim. Em 2010, a Cidade Imperial de Thang Long foi classificada pela Unesco como Patrimônio da Humanidade e os edifícios que ainda restavam foram restaurados e preservados.

Destaque também para uma intervenção de arte contemporânea: um impressionante mural em mosaicos de cerâmica que se estende por 4km, considerado o mais longo do mundo. Cada setor do mural foi instalado com peças de cerâmica por um artista representante de uma determinada comunidade, celebrando, em 2008, o aniversário de 1.000 (mil!!!) anos da cidade de Hanói.

Também mandatária a visita ao Templo Ngoc Son, que fica no meio do extenso Lago Hoan Kiem, sendo alcançado por pontes.

A palavra templo aqui precisa de uma explicação: trata-se de um lugar público, onde pessoas de todos ou de nenhum credo podem ir reverenciar um personagem importante e lhe pedir, ou não, algum benefício. Pode ser um médico, um político, um professor, um general... E a cada um desses pode-se pedir saúde, acordo entre partes em litígio, sucesso nos exames ou conquistas de qualquer tipo. Quem quiser pode levar oferendas – flores, frutas, velas, incenso, dinheiro (verdadeiro ou falso – há venda de dinheiro falso específico para as doações, inclusive dólares). Se quiser, depois de fazer a oferenda, também pode levá-la embora – afinal, é sua!

Além disso, há igrejas católicas, pagodes budistas e outros edifícios religiosos – mas o povo, na sua maioria, é confucionista e professa o culto aos antepassados, que recebem um altar em um lugar privilegiado na habitação.

O capítulo “habitação” é também muito interessante. O país tem 90 milhões de habitantes (o Brasil tem mais de 210 milhões) concentrados num território do tamanho do Maranhão. Muita área montanhosa deixa pouca terra, que precisa ser extensiva e intensamente cultivada. Resultado: há pouco espaço para as pessoas, que acabam morando em espaços muito reduzidos.

O centro de Hanói é ocupado principalmente por cortiços que sobraram depois dos bombardeios. O que foi destruído foi refeito em bases contemporâneas, mas o que sobrou são prédios sórdidos, onde até quatro pessoas ocupam quartos de 10 metros quadrados, isso significan-

do, para cada um, apenas o espaço onde se vai dormir, muitas vezes no chão, e varais para cada um pendurar seus pertences. Atualmente, com as telas planas, começaram a ter televisão (não cabia antes). Os corredores só dão passagem para uma pessoa de cada vez - se duas se cruzam, precisam ficar “de lado”. Há um quintal central onde fica o banheiro coletivo e as pessoas se inscrevem para a fila do banho. Algumas compram biombos de bambu e banham-se ao ar livre, cercadas pelo biombo, com um balde de água. Muitos resolvem o problema da fila do banheiro pela manhã da seguinte maneira: vão 15 minutos mais cedo para o trabalho e lá fazem a higiene matinal. Morar ali não impede que as pessoas disponham de roupa de grife e motos caríssimas. O trecho da calçada em frente ao prédio “pertence” ao condomínio. Se um morador quiser usar a calçada para ali dispor o seu negócio (venda de comida, ou artigos de qualquer natureza ou salão de manicure ou de cabeleireiro), ele paga uma taxa ao condomínio. Se dois quiserem, eles se organizarão – um negocia pela manhã, outro à tarde; ou um às segundas, quartas e sextas e o outro às terças, quintas e sábados, alternando-se aos domingos. Todo tipo de arranjo entre os interessados é possível. Os que moram ali são de dois tipos: os que esperam o dia em que uma incorporadora resolva comprar o prédio todo para fazer um edifício novo – pagando a cada um, pelo cubículo atual, uma soma que dê para comprar uma habitação mais digna fora do centro; e os que não querem sair dali por nada desse mundo, porque ali estão ganhando a vida e estão perto de tudo – e estes às vezes empatam a esperança dos demais (tem que haver unanimidade para se fechar o negócio).

Talvez nada seja mais pitoresco e emocionante do que passear pelo trânsito caótico em um riquixá acoplado a uma bicicleta pelo bairro antigo de Hanói, o “bairro das 36 ruas”, cada uma delas dedicada a uma profissão em particular, onde ainda vivem e trabalham artesãos de todas as especialidade: rua dos marceneiros, dos ferreiros, dos latoeiros... Mas, se você quer flores, o lugar certo é o Mercado de Flores de Hanói: funciona a noite toda e a oferta maiúscula de flores, em quantidade e diversidade, proporciona uma experiência inesquecível.

Entre os espetáculos disponíveis, o teatro tradicional de marionetes sobre água é uma atração interessante: os bonecos não chegam a encantar, mas o espetáculo tem música ao vivo, com instrumentos autênticos e canto de época. Vale conferir.

Na época do Ano-Novo – que não coincide com o ocidental –, a cidade se enche de luzes: bairros pobres ou ricos cintilam à noite. Durante o dia, a decoração, à base de pessegueiros em flor e laranjeiras carregadas de frutos, acrescenta uma alegria adicional ao movimento incessante da cidade.



Sul do Vietnã

SAIGON, HOJE HO CHI MINH

Cidade menos caleidoscópica que Hanói, seus pontos mais interessantes podem ser visitados em um dia, com destaque especialíssimo para o Museu de Medicinas Tradicionais Fito. Instalado na belíssima casa de um médico famoso, oferece uma visão detalhada do fascinante mundo da medicina tradicional vietnamita, que é fortemente influenciada pela filosofia chinesa. Com uma coleção de quase 3.000 itens relativos aos remédios tradicionais, alguns dos quais remontam à Idade da Pedra, exhibe amplas e detalhadas coleções de instrumentos usados para prepará-los, como morteiros e pilões, moedores e facas. Há também uma grande coleção de livros e documentos sobre o assunto, além de itens encontrados em farmácias tradicionais, como balanças, moldes de impressão, armários de medicamentos e uma variedade de peças de cerâmica. O Museu Fito também conta com equipamento audiovisual, usado para exibir um documentário sobre a história da medicina tradicional no Vietnã.

Fora do centro, Cu Chi, um complexo impressionante de túneis que compunham uma cidade vietcongue subterrânea, merece ser visitado (comentário publicado no *Iátrico* número 37), bem como o delta do Mekong.

O rio Mekong nasce nas montanhas do Tibete, a mais de 4.900 metros de altitude. No início, ele corre rapidamente pelo terreno montanhoso do sudoeste da China. Adiante, seu curso se torna lento e mais largo. O Mekong passa entre Laos e Mianmar e faz parte da fronteira entre o Laos e a Tailândia. Perto da cidade de Phnom Penh, já no Camboja, o Mekong se liga por um braço de rio ao Ton-

le Sap (Grande Lago). Na estação chuvosa, com o volume aumentado, parte da água do rio retorna ao Tonle Sap. Ao sul de Phnom Penh, o Mekong atravessa todo o Vietnã. Por fim, o rio deságua no mar da China Meridional, ao sul da cidade de Ho Chi Minh. Ao desaguar, o rio Mekong forma em sua foz um grande delta de solo fértil, sendo um dos maiores produtores de arroz do mundo. A água do rio é usada na irrigação dos campos, garantindo produção mesmo na época da seca.

O passeio pelo delta descortina um mundo completamente diferente, onde a vida se desenrola ao redor do rio, além de proporcionar uma experiência cinematográfica de se navegar através de canais estreitos rodeados de vegetação densa, em pleno coração do delta. Prepare-se para ver arrozais (na época do plantio e da colheita, intenso movimento de trabalhadores; no intervalo, a beleza dos campos verdejantes ou dourados, quando já maduros, colheita à vista); plantações de *dragon fruit*; casas flutuantes com criadouro de peixe por baixo; coqueiro aquático, cujos frutos parecem pinhões enormes agrupados como florões de madeira; fruta-pão, semelhante à jaca, mas com outro sabor; caramelos de leite de coco embrulhados em papel de arroz, que se come junto com a bala; pratos servidos no almoço, os quais a garçonete precisa ensinar como comer; igreja que venera Buda, Confúcio, Jesus e Lao-Tsé (taoísmo) – Templo Cao Dai, em Bem Luc – todos ao mesmo tempo, como manifestação do mesmo deus, representado por um olho dentro de um triângulo.





HANÓI, REGIÃO METROPOLITANA

Nos arredores da capital, convém visitar Tam Coc (região de Ninh Binh), o belíssimo vale de um rio com cultivos de arroz bordando suas margens. Numa embarcação tradicional (sampan), algumas conduzidas por jovens mulheres que remam com os pés (!), percorre-se uma paisagem muito bela, cercada por montanhas de formato singular, e visitam-se grutas.

Vista do alto, Tam Coc é considerada uma das mais belas paisagens do Vietnã.

Igualmente, a 16 km do centro de Hanói, convém não perder Bat Trang. Quando o segundo imperador da primeira dinastia vietnamita transferiu a capital de Ninh Binh (província onde está Tam Coc) para Hanói (ano de 1008), trouxe os melhores artífices da corte com ele e os instalou ao redor da cidade, em lugares apropriados para seus ofícios – os ceramistas foram para Bat Trang, devido às qualidades de sua argila.

Chega a ser um espetáculo de mágicos ver os artífices dando forma ao barro e/ou pintando os produtos já cozidos, à mão, peça por peça. A exposição dos artigos vai ao infinito, em formas e cores e finalidades, desde o mais utilitário até o puramente decorativo. A exposição de louça imitando peças antigas impressiona: além de maravilhosas, as peças foram envelhecidas com tal arte que poderiam estar num museu e enganar completamente um desavisado.

Os fornos, hoje a gás (originalmente a carvão), ficam fora da cidade e não são abertos à visitação: são verdadeiros edifícios.

Hanói é também ponto de apoio para o cruzeiro na baía de Ha Long, a que se chega por uma estrada que corta as ricas terras agrícolas do delta do Rio Vermelho. Na paisagem, campos de arroz, búfalos de água, cenas da vida rural e tradicional do Vietnã.

BAÍA DE HA LONG

Prepare-se para encontrar o resto da humanidade que, como você, estará visitando o esplendor desse arquipélago espetacular, patrimônio natural tombado pela Unesco – a cada visada você vai contar uns trinta barcos como o seu, com mais de cinquenta pessoas em cada um. Quando você desembarca nas ilhas, você se junta a um formigueiro. Mas num dos desembarques pode-se subir ao topo de uma montanha, por uma escada de 400 degraus, de onde é possível uma contemplação num círculo de 360 graus: no primeiro terço, vê-se uma centena de barcos de turistas; no segundo terço, uma dezena de barcos pesados de pesca industrial; felizmente resta um arco de 120 graus para ver Ha Long como ela é, em todo o seu esplendor, sem artefatos humanos que lhe reduzam a maravilha e a poesia.

O Vietnã é considerado um paraíso para a espeleologia e, em um dos desembarques do cruzeiro, visita-se uma caverna extraordinária, com espeleotemas belíssimos.

Estreita faixa de terra entre as montanhas e o mar: o centro do país

HOI AN

Importante porto comercial da Ásia nos séculos XVII e XVIII, exhibe arquitetura colonial francesa sobre assentamentos de japoneses e chineses que já faziam comércio internacional em terras vietnamitas naquele então.

No centro da cidade antiga, visitam-se residências e estabelecimentos dos antigos comerciantes, uma ponte coberta de mais de 400 anos de antiguidade (liga o setor japonês ao setor chinês), o museu com a história da cidade, bares e restaurantes, tudo sob a profusão mais que espetacular de milhares de lanternas chinesas de todas as cores e formatos.

À noite, lanternas acesas, a cidade transforma-se numa verdadeira galáxia colorida.

DA NANG

Nas suas praias ocorreu o primeiro desembarque militar de americanos no Vietnã: um batalhão de fuzileiros navais fortemente armados, cumprindo uma ordem do presidente norte-americano Lyndon Johnson, para proteger uma base aérea dos Estados Unidos naquela localidade. Foi o primeiro envio de tropas de combate ao Vietnã do Sul, em 1965.

Destaques locais: O pagode Linh Ung, de onde se avista a cidade; a bela costa da península Son Tra; as montanhas de mármore – são mesmo de mármore e, de uma delas, a montanha Thuy Son (acesso por elevador), pode-se desfrutar de uma bela vista do litoral; e o museu de esculturas Champa, uma civilização da Grande Índia que floresceu entre os anos 500 e 1500 da era cristã, ao longo da costa que hoje pertence ao Vietnã.

HUẾ – ANTIGA CAPITAL IMPERIAL DO VIETNÃ

A Cidadela Imperial de Huế é uma fortaleza cercada por muralhas e rodeada por um fosso alimentado por um canal que trazia água do Rio Perfume, o rio que corta a cidade. Foi idealizada como uma cópia em menor escala da Cidade Proibida dos imperadores chineses em Pequim, sendo nomeada Cidade Proibida Púrpura. Em 1993, foi classificada pela Unesco como Patrimônio da Humanidade, com a designação de Conjunto de Monumentos de Huế. Os edifícios que ainda restavam foram restaurados e preservados. Infelizmente, a maior parte do lugar foi destruída pela guerra, encontrando-se, por isso, coberta por arrozais. Ali a dinastia Nguyễn governou o Vietnã entre 1802 e 1945.

Ainda em Huế, uma experiência inédita é a visita ao mercado de Dong Ba – uma verdadeira babilônia, comércio asiático no seu melhor estilo.

Imperdível a visita ao mausoléu do imperador Khai Dinh, na montanha Chau Chu, nas imediações de Huế: o apogeu do mosaico com fragmentos de porcelana nobilíssima. Trata-se de uma megaobra de arte, de tal forma impactante, que depois dela não se pode assimilar nenhuma outra atração no mesmo dia. **i**

